

Crítica // Honestino ★★★★★

Revolucionário da capital

Com direção de Aurélio Michiles e atuação de Bruno Gagliasso, o longa *Honestino* aprofunda e emociona ao falar da história do líder estudantil da Universidade de Brasília



MERCADO FILMES/ DIVULGAÇÃO

Gagliasso em cena de *Honestino*: retrato de memória e revolução

Mariana Reginato

Honestino, novo filme do diretor Aurélio Michiles, tem como objetivo apresentar a história de Honestino Guimarães, líder estudantil da Universidade de Brasília, que foi preso, perseguido e morto pela ditadura em 1973. Para isso, o diretor decide mesclar ficção e documentário, com depoimentos, imagens de arquivo e cenas construídas para representar alguns momentos marcantes da história.

No lado da ficção, Bruno Gagliasso fica responsável por interpretar o jovem. O galã da televisão

acabou sendo uma ótima escolha. Apesar de não aparecer muito, em suas cenas pontuais, Bruno traz atuação emotiva e trabalha muito bem os silêncios do personagem, que, muitas vezes, são mais marcantes do que os discursos. Com a atuação de Bruno, *Honestino* sai um pouco do lugar de um revolucionário, e é possível conhecer o seu lado mais humano, como pai, filho e amigo.

A mistura entre realidade e ficção foi realizada de forma bem equilibrada. Quando o formato documental começa a se repetir, as cenas com Bruno puxam de volta a

atenção e vice-versa. Os depoimentos da família são a parte mais emotiva da trama, mas de forma natural, sem a tentativa forçada de emocionar. A construção do filme busca abordar diferentes aspectos da vida de Honestino e as cenas de seus parceiros de luta ajudam a montar o pano de fundo de tudo que estava acontecendo na época.

Nessa história, Brasília é personagem do longa. Com materiais antigos e novas cenas realizadas na Universidade de Brasília (UnB), os corredores da instituição são essenciais para a produção. A cena da invasão de 1968

é muito bem realizada e é tocante ver o espaço da universidade atual contando a história de mais de 50 anos atrás.

Honestino é um retrato de memória e revolução. Em busca de mudar o mundo e o momento em que vivia, o líder estudantil perdeu a vida. O documentário é um convite para se aprofundar na história brasileira e entender um pouco mais do período da ditadura militar. Em ano eleitoral, é importante a presença do longa nas salas de cinema. Aurélio Michiles faz um bom trabalho e além de tudo, uma homenagem ao amigo.